



ARGOLO, O GENERAL-MODELO

Filadelfo Reis Damasceno

"Argolo era a personificação da atividade levada aos extremos da vertigem."

Joaquim Pimentel

"De sangue-frio a toda prova, calma admirável, persistência tenaz, falando sóbria e vagarosamente, medindo as palavras, sobressaía no quadro dos generais em campanha a sua brilhante reputação. Um tipo invulgar para os labores e preocupações, adequado, amoldado por completo à guerra. As surpresas calculadas do inimigo nem sequer tangenciavam as forças de seu Comando."

José Luís Rodrigues da Silva

"Seu zelo a bem do serviço, sua completa dedicação à religião do dever, seu atermo aos princípios da disciplina e aos do justo e honesto, o constituem General-Modelo."

Duque de Caxias

INTRODUÇÃO

O Marechal Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Visconde de Itaparica, é um dos vultos mais destacados na galeria de ilustres Chefes do nosso Exército. Sua brilhante participação nas campanhas do Império foi, em citações esparsas, louvada e admirada por seus contemporâneos e exaltada pela História.

Exemplo nítido de vocação

para a carreira das armas, Argolo construiu, dia após dia, o seu conceito de soldado de escol, culminando por atingir o posto de Marechal-de-Campo, excepcionalmente, aos 45 anos de idade, na Campanha do Paraguai, onde teve o ensejo de consolidar, em toda a plenitude, seu invulgar talento guerreiro e sua marcante personalidade, constituindo-se no maior soldado da Bahia de todos os tempos e nivelando-se aos mais bravos,

competentes, respeitados e completos generais do Exército brasileiro.

O presente estudo, fruto de intensa pesquisa, é uma síntese de sua magnífica atuação na mais longa de nossas lutas externas, onde teve participação decisiva nos episódios mais importantes, tanto nos ofensivos como nos defensivos, desde a retomada de Uruguaiana até a Batalha de Ipororó, de onde se afastou ferido em combate. Pretende-se, com este trabalho, divulgar os relevantes serviços prestados à Pátria pelo General Argolo, exibindo-o às novas gerações como estrela de primeira grandeza, a nos indicar o caminho do dever com o fulgor do seu exemplo edificante e de suas aprimoradas virtudes de cidadão e de soldado.

DE SÃO GABRIEL AO PARANÁ

Ao ter início a Guerra do Paraguai, o Cel Argolo encontrava-se em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, onde, há quatro anos, comandava o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, importante e tradicional Unidade, que teria gloriosa participação nesta campanha, onde seria denominado "Boi de Botas". O Cel Argolo já desfrutava de elevado conceito como competente, culto e bravo, renome arduamente conquistado em nossas lutas internas, na tomada de Paissandu

e nas diversas e importantes comissões que desempenhou.

Nomeado Deputado do Ajudante-General, durante o cerco de Uruguaiana, tomou parte nas operações ali desenvolvidas e foi elogiado pelo Conde de Porto Alegre, "pela dedicação e zelo com que se houve nas funções que ora deixa". Foi então designado para o Estado-Maior da Artilharia e, em seguida, foi-lhe atribuído o comando de uma Brigada de Infantaria. Neste Comando, "tinha conseguido que os pequenos homens do Norte marchassem cinco léguas por dia", segundo o testemunho do Conde D'Eu, que o encontrara próximo ao Inhanduí.

Nomeado Comandante da 1ª Divisão de Infantaria, em 1º de março de 1866, participou da invasão do território paraguaio por Passo da Pátria, na vanguarda das forças aliadas. Por sua corajosa e firme atuação, foi elogiado pelo General Osório, nos seguintes termos: "Não desmentiu o conceito de que goza, guardando o seu respectivo posto com serenidade, ativando e dirigindo o movimento da força de seu comando, à medida que as circunstâncias do terreno o permitiam, ou que a necessidade de força se apresentava neste ou naquele ponto."

ARGOLO EM TUIUTI

Ao estudar o terreno onde se desenrolou a Batalha de Tuiuti,

Tasso Fragoso chama atenção para a região de bosque situada à frente do acampamento aliado, que se estendia para a esquerda, formando o Potreiro Pires. Cunha Matos, analisando os pródromos desta grande peleja, a maior travada em solo sul-americano, aduz o seguinte comentário: "Infelizmente os aliados acamparam em Tuiuti, deixando desguarnecido o Potreiro Pires, apesar dos protestos do General Argolo." Com efeito, essa imprevidência possibilitou o avanço da coluna de Barrios pelo local, fato que, se por um lado retardou o início da batalha por duas horas, por outra parte permitiu o desbordamento pela esquerda, previsto no plano de Lopez, além de garantir o fator surpresa.

Num dos momentos cruciais da Batalha, quando o imortal Brigadeiro Sampaio deixa o campo de luta após sofrer o terceiro ferimento a bala, o General Mallet, sentindo iminente a ruptura do centro do dispositivo aliado, solicita reforços imediatos à 3ª Divisão. Cunha Matos, emissário encarregado do pedido, dá-nos o seu testemunho: "O General Jacinto Pinto vacilou em deliberar, mas observando-lhe eu que era urgente providenciar de acordo com a reclamação do Comandante Mallet e, acudindo o General Argolo com a ponderação de que o caso não admitia delongas, o Chefe do Estado-Maior, com visível mau humor, voltando-se para o Comandante da 1ª Divisão, dis-

se-lhe: — Pois siga V. Exa. com a parte disponível de sua Divisão."

Essa providência salvadora viria coincidir com a ordem de reforço dada por Osório, que, acompanhando atento o desenrolar da batalha e pressentindo a gravidade da situação, mandara entrar em ação as Divisões Argolo e Guilherme de Souza.

A atuação do bravo general foi assim sintetizada por Tasso Fragoso: "Urge fechar definitivamente aquela brecha que os inimigos ameaçam dilatar. Com este intuito, avança a 10ª Brigada da 1ª Divisão (Argolo), levando à testa este valente General. Os seus cinco batalhões investem contra os atacantes e concorrem para os impedir de penetrar no interior do nosso acampamento."

Mais detalhada e precisa, todavia, é a descrição do mesmo episódio feita por Lobo Viana, na qual afirma: "Argolo, hábil manobrista, dispõe suas tropas em 'linha frente à esquerda', manobra tão favorita dos tempos de antanho, tão preconizada e decantada por Dionísio em suas *Reminiscências*. Essa manobra deu lugar à formação de dois 'martelos táticos', como se dizia então, traçando, desse modo, uma modalidade de tenalha, cuja gola é fechada pela Artilharia, apoiada fortemente pela Divisão Guilherme de Souza. Ao longo dessa tenalha humana, sob o vivo e crepitante cruzamento de fogos e de uma floresta de aço, recebendo de

flanco e de revés as metralhas de Mallet, essa 'cunha', esse sintagma paraguaio se precipita, esborondando-se, reduzido a farrapos." Em outro trecho de seu interessante estudo, Lobo Viana acrescenta, referindo-se a Argolo: "A hábil manobra em Tuiuti, dos 'martelos táticos', espécie de tenalha, em cujas tenazes se esmagou, se fraturou a cunha paraguaia de Diaz, o culminou à altura dos mais reputados táticos da época."

Outra apreciação sobre a batalha, que merece ser citada, é a do Marquês de Paranaguá, Ministro da Guerra durante a Campanha do Paraguai, nos seguintes termos: "A 1ª e a 3ª Divisão do Exército, ao mando, respectivamente, dos Brigadeiros Alexandre Gomes de Argolo Ferrão e Antônio Sampaio, foram as que mais porfiaram na batalha, porque foi sobre elas que o inimigo carregou com mais impetuosidade."

Como demonstramos, a brilhante participação de Argolo em Tuiuti pode ser sintetizada em três ações da maior importância. Em primeiro lugar às vésperas do confronto, quando insistiu na ocupação do Potreiro Pires, que viria a ter grande influência no desenrolar da peleja; durante o combate, quando fez ver aos seus superiores que o reforço à Divisão Sampaio era imprescindível e imposterável, e, finalmente, quando autorizado a intervir na batalha, fê-lo de forma magistral, com vigorosa e oportuna manobra,

que impediu a ruptura do centro do dispositivo e consolidou a vitória aliada.

O COMBATE DE PUNTA NARÓ

Após o insucesso de Tuiuti, Lopez resolveu passar à defensiva e determinou a construção de uma extensa trincheira na orla da região de bosques, desde Punta Naró até o Potreiro Pires. Objetivava, com essa linha de vigilância, aproximar os seus fogos, tornando-os mais eficazes, bem como obrigar os adversários a um ataque frontal, ao custo de muitas baixas, ou, ainda, forçá-los a recuar, o que lhe permitiria retificar a frente do seu dispositivo.

O ataque de 16 de julho de 1866, iniciado pela Divisão Guilherme de Souza e concluído vitoriosamente pela 1ª Divisão, de Argolo, foi um dos mais longos e acirrados de toda a campanha, o terreno disputado palmo a palmo, ao preço de repetidos atos de bravura e do sacrifício de muitos heróis. Sua inclusão no presente trabalho, intencional e consciente, não se prende ao desejo de retirar ensinamentos estratégicos ou táticos, eliminados, desde logo, pelas próprias condições do terreno a impedir qualquer manobra mais ampla, mas pela importância que assumiu perante os nossos aliados e o inimigo, revelando-lhes, de modo incontestável, a bravura, a tenacidade

e a competência do soldado brasileiro.

Cunha Matos apresenta-nos um curioso testemunho dos eventos daquela jornada: "Às 17 horas de 16, os Generais Mitre e Polidoro resolveram autorizar o General Argolo a abandonar a posição, em vista da tenacidade com que os paraguaios repetiam os assaltos. O General Argolo porém respondeu verbalmente pelo Capitão Aires Âncora: 'Não me retiro; diga ao Sr. General que, a 24 de maio, estive em Rojas e que, tendo-me de lá retirado, por ordem, estou, hoje, vendo Rojas por um óculo'. A essa resistência devemos não ter perdido a posição, o que teria, como consequência, a perda da posição ocupada pela nossa primeira linha, que passava a ser enfiada e se tornaria insustentável."

Garmendia, consagrado historiador militar argentino, apresenta-nos a seguinte apreciação sobre o citado combate: "Nessa batalha, o Exército brasileiro portou-se galhardamente, avançou com violência e resistiu com sangue-frio. Empenhado e tenaz na luta, foi digno êmulo do seu valoroso e audaz adversário. Comprovou o seu labor de 16 horas sem descanso e com coragem, tendo sofrido as maiores perdas."

Corroborando esse expressivo julgamento, o insuspeito historiador Centurion assim se expressou sobre a peleja: "Com a franqueza e imparcialidade com que trato de apreciar os suces-

sos da guerra, devo manifestar aqui que, até então, tínhamos denegrido as tropas brasileiras e fazíamos delas pouco caso. Porém, desta feita, provaram o contrário, conquistando o mais elevado conceito de bravos e valentes."

ACAMPAMENTO DE TUIUTI

Após os combates de 16 e 18 de julho de 1866, os aliados acamparam durante vários meses na região de Tuiuti até que Caxias retomasse a ofensiva, com a famosa Manobra de Pequiciri. Com a estagnação da frente de combate, era natural a preocupação com o fortalecimento da posição defensiva. Surgiu, desse modo, uma "linha de vigilância", conhecida como Linha Negra, constituída de trincheiras a noroeste da lagoa de Tuiuti, e uma "posição de resistência" a sudeste dessa mesma linha.

Argolo, cujas "sábias previsões e incansável atividade" são apontadas por Tasso Fragoso como a causa principal da organização da posição, compreendendo os efeitos nocivos da inatividade sobre o moral, a disciplina e a eficiência combativa do 2º Corpo de Exército, mantinha o pessoal subordinado em febril atividade, seja cavando fossos e trincheiras, seja participando de exercícios e de conhecimentos.

A soldadesca, no entanto, a quem convinha permanecer num

ócio despreocupado, irritava-se com tanta atividade, que lhe parecia sem propósito. Valendo-se do seu espírito jocoso e brincalhão, vingava-se do ilustre Chefe, atribuindo-lhe apelidos, ora relacionados com o que lhe parecia uma obsessão em cavar buracos, como "tatu", "furão" ou "tuco-tuco", ora com a calma imperturbável do General: "vai-de-mansinho". Quando os demais generais pilheriavam a respeito, Argolo dava boas risadas e, no dia seguinte, redobrava o serviço.

Compreendendo a importância do trabalho de Argolo para a defesa da posição, que seria o palco da brilhante vitória de Porto Alegre, na Segunda Batalha de Tuiuti, de 3 de novembro de 1867, o General Polidoro elogiou-o nos seguintes termos: "Louvo-o pelo asseio do campo, a melhor ordem no armamento, no equipamento e no fardamento do Segundo Corpo, do seu comando, e pela satisfação que teve o mesmo Comandante das Forças Brasileiras de encontrar muito adiantados e bem-feitos os trabalhos de fortificação e perfeitamente desenhados os seus fogos."

A DEFESA DE CURUZU

Conquistada a posição de Curuzu por Porto Alegre e não obtendo êxito a investida sobre Curupaiti, tornou-se imperioso o fortalecimento daquela região, melhorando as condições defen-

sivas, de modo a impedir a sua reconquista pelo inimigo.

À semelhança do que ocorrera em Tuiuti, foi atribuída a Argolo a execução dessa árdua tarefa, conforme declara Tasso Fragoso: "Cabe ao General Argolo a glória de haver completado e aperfeiçoado a defesa da posição, durante o tempo em que comandou o 2º Corpo, construindo novas e formidáveis trincheiras e fazendo de Curuzu uma verdadeira praça d'armas. Além disso, ampliou a área do acampamento para maior comodidade da tropa."

Confirmando a extraordinária capacidade de Argolo nos trabalhos de fortificações de campanha, encontramos o seguinte depoimento de Joaquim Pimentel, em seu livro *Episódios Militares*: "Em Curuzu, sob o comando do valente General Argolo (Visconde de Itaparica), fez-se um entrincheiramento que valia uma inexpugnável cidadela. Posição ocupada por aquele Chefe, podia-se asseverar sem cair no excesso das hipóboles, seria inconquistável, tal a harmonia dos seus lances de cortinas, redutos, fossos, abatizes e tudo quanto a ciência inventa para tornar defensável a posição que se deseja garantir. O General Argolo simbolizava a providência; o que lhe valeu vários apelidos, que os soldados, na sua engraçada maneira de criá-los, deram à pessoa do bravo General. Todos os dias, este inventava mais um fosso, um reduto, uma 'cauda de andori-

na', ou qualquer outro meio de defesa, de modo que sempre laborava aquele espírito inventivo e fecundo. Determinava a obra, e a soldadesca, armada de picaretas e enxadas, vivia a cavar trincheiras e a fazer fossos."

A CONQUISTA DO "ESTABELECIMENTO"

Assumindo o comando supremo dos aliados, em virtude do afastamento definitivo de Mitre, Caxias decidiu retomar a ofensiva para acelerar a conquista de Humaitá.

Em 19 de fevereiro de 1868, ao mesmo tempo em que a Armada forçava a passagem ao longo do rio, as forças de terra simulavam um ataque geral sobre as posições fortificadas do "Quadrilátero". O 2º Corpo do Exército, sob o comando de Argolo, travou um violento combate com as tropas guaranis, onde o valoroso 16º Batalhão de Infantaria, de Tibúrcio, teve o seu efetivo reduzido à metade. No final do encontro, conquistamos o Reduto Cierva, denominado de "estabelecimento" pelos brasileiros, posição marcante, que barrava a comunicação fluvial com o Norte do país.

Por tão importante vitória, que contribuiu para a passagem da esquadra rumo a Humaitá, facilitando o prosseguimento das operações, Caxias conferiu a Argolo um elogio consagrador: "Por iguais motivos, tributo os meus louvores e agradecimen-

tos ao muito perito, honrado e corajoso Exmo. Sr. Marechal-de-Campo Alexandre Gomes de Argolo Ferrão; seu zelo a bem do serviço, sua completa dedicação à reigião do dever, seu aferro aos princípios da disciplina e aos do justo e honesto, o constituem General-modelo. Sua cooperação para o bom êxito da jornada de 19 foi a que eu podia e devia desejar."

A CONQUISTA DE SAUCE

Decidido a conquistar Curupaiti para usá-la como base de operações de seu exército, Caxias ordena a Argolo que faça um reconhecimento à viva força sobre a linha de Sauce, aprofundando-se ao máximo na região que pretendia conquistar. Ao mesmo tempo, determina que Osório e Gelly y Obes realizem reconhecimentos e ataques diversionistas em frente a Tuiucú e Espinilho, para iludir o inimigo.

Tendo se aproximado, na véspera, o mais perto possível da posição inimiga, Argolo desencadeia o ataque ao amanhecer de 21 de março de 1868. O terreno à sua frente, contudo, era o mais ingrato que se possa imaginar. Sua zona de ação ficava limitada à direita por um charco intransitável e, à esquerda, pela lagoa Pires, impedindo o desdobramento das forças aliadas. Restava-lhe tão-somente enfrentar a espessa mata em frente, conforme ele mesmo

admitiu em sua parte de combate: "Forçoso era, pois, desfilar, e desfilar abrindo picadas nas matas."

Ao mesmo tempo em que a Artilharia concentrava os fogos sobre o inimigo, Argolo simulou um ataque ao antigo caminho da Bocaina, exatamente onde os inimigos esperavam o nosso avanço. Enquanto isso, os pontoneiros de Jourdan, trabalhando heróica e incessantemente, abriam uma picada de 1.200 metros de extensão, que foi incidir justamente sobre a comporta da represa de Sauce.

Concluído o trabalho de abertura de uma passagem pela mata, por ela investiu o intrépido Fernando Machado com sua briosa Infantaria. "Depois de curta fuzilaria", afirma Jourdan, "os batalhões carregam à baioneta. A estreiteza do caminho, o profundo fosso, a dificuldade que encontram os pontoneiros de colocar tábuas na comporta para servirem de ponte, as bocas-de-lobo e, enfim, as trincheiras a vencer, fazem demorar quase uma hora a nossa vitória. Às 14:30 horas somos senhores de Sauce e abrem-se as portas do famigerado Quadrilátero."

Tasso Fragoso, com a costumeira segurança, mostra-nos a importância estratégica dessa vitória: "Argolo, então Comandante do 2º Corpo brasileiro, tem a suprema ventura de romper afinal as linhas de Rojas e de penetrar dentro do famoso Quadrilátero dos paraguaios. Ante o seu ataque, as forças

que defendem a posição principal e de vigilância — as quais montavam, segundo Resquin, a 10.000 homens, sob o seu comando e o de Barrios — recuam para o interior de Humaitá, abandonando a idéia de resistir na linha intermediária traçada por Passo Pocu."

O brilhante triunfo de 21 de março, obtido pelo gênio militar de Argolo, na mesma região onde amarguramos um ataque malogrado, obrigou o inimigo a abandonar as posições de Rojas, Passo Pocu, Angulo, Espinilho, toda a linha de Sauce e Curupaiti e permitiu que o exército aliado avançasse, concentricamente, sobre a poderosa posição de Humaitá.

Durante esse combate, registrou-se um fato inédito nos anais de nossa história militar, assim relatado pelo próprio Argolo em sua parte de combate: "Não devo deixar de declarar que, pela leitura das partes que há pouco referi-me, verá V. Exa. que doentes saíram dos hospitais e presos de suas prisões para tomarem parte na ação, depois da qual recolheram-se eles mesmos aos lugares de onde haviam indevidamente saído. Atenda, porém, V. Exa. ao nobre sentimento que inspirou este ato irregular e, desculpando aqueles que o praticaram, peço-lhe que se lembre deles."

Poderia qualquer Comandante esperar mais dos seus subordinados em termos de moral elevado, espírito de corpo e patriotismo?

A BASE DE HUMAITÁ

Conquistada a poderosa fortaleza de Humaitá, Caxias decidiu utilizá-la como base de operações dos aliados, em seu prosseguimento rumo a Assunção. Esta importante posição, ao mesmo tempo em que permitia cerrar à frente os órgãos de apoio logístico, garantia a linha de suprimentos e de comunicação com a retaguarda.

Para a importante tarefa de defender a base de Humaitá, Caxias escolheu Argolo, nomeando-o comandante dessa praça, conforme a Ordem do Dia nº 245, de 19 de agosto de 1868, com o seguinte teor: "Tendo que deixar em Humaitá, nossa atual base de operações, um oficial de alta patente que, por sua inteligência, ilustração e prática do serviço, possa com as forças de seu comando sustentá-la, por si deliberar sobre qualquer emergência, providenciar sobre o que ocorra na ausência do Exmo. Sr. Marquês, se vê constrangido a recorrer ao préstimo do Exmo. Sr. Marechal Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Comandante do Segundo Corpo do Exército, sentindo profundamente apartar-se, ainda que por tão pouco tempo, de tão distinto general, que tanta falta lhe faz nas operações ativas que se vão empreender, tanto mais que sabe do constrangimento do mesmo Sr. General Argolo, o qual só por obediência aceita tal comissão que, por mais espinhosa e incomodativa,

como entende que lhe será, espera S. Excia. o Sr. Marquês que há de ser por tão incansável General desempenhada com inteligência, perícia e atividade, que o distinguem, unidas ao cuidado e zelo que o caracterizam, do que deu sempre provas em toda a sua vida militar e nas variadas comissões de que o referido Sr. Marquês o tem incumbido nesta mesma campanha."

O documento citado, além de revelar o drama psicológico de Caxias, em deixar ou em levar Argolo, demonstra o elevado conceito do Visconde de Itaparica e atesta também que, desde os tempos de antanho, os nossos Chefes sempre tiveram repulsa por funções na área de retaguarda, embora reconhecendo a sua importância.

A ESTRADA DO CHACO

A execução da elegante Manobra do Piquiciri exigia a transposição do Grande Chaco pelo grosso do exército aliado, tarefa considerada por muitos temerária e impraticável. Consultado a respeito, Argolo respondeu: "Se for possível, está feita; se for impossível, vamos fazê-la."

Recebida a missão de construir a Estrada do Chaco, Argolo atravessou o rio nas proximidades de Palmas e desembarcou no Chaco, à frente dos 3.500 homens do Segundo Corpo, num ponto a que denominou Porto Santa Teresa, dando início à

obra monumental, com o auxílio de engenheiros militares ilustres, como Rufino Galvão, Jourdan e Carlos Lassance.

Essa obra gigantesca para os recursos da época, uma estrada em pleno pântano e durante as cheias do Rio Paraguai, dificultada pelo clima asfíxiante, a proliferação de insetos e a lama incessante, foi descrita em detalhes na Ordem do Dia nº 272, de 14 de julho de 1869, de Caxias, transcrita a seguir, na qual, contrariando a sua praxe de conceder elogios sintéticos e de palavras contidas, não esconde a sua admiração e o seu respeito pelo valoroso General baiano: "O Marechal do Exército Marquês de Caxias, Comandante-em-Chefe de todas as forças brasileiras e dos exércitos aliados, tendo conhecimento das grandes dificuldades a vencer para que o inimigo fosse atacado de frente e flanco direito de suas trincheiras, na extensa linha do Piquiciri, ordenou que o Marechal-de-Campo Alexandre Gomes de Argolo Ferrão abrisse uma estrada larga por onde passasse o nosso Exército pelo Chaco, base de todas as nossas operações; o mesmo Sr. General-em-Chefe declara ser-lhe sumamente agradável anunciar ao Exército que aquele distinto general, compreendendo a tarefa de que foi encarregado, no curto espaço de 23 dias, abriu uma estrada larga e cômoda, com estivas de considerável extensão e duas pontes que, começando um pouco além do

Porto de Palmas, no lugar denominado Santa Teresa, ia terminar em frente a Vileta, evitando, por um ângulo divergente, as forças de Angustura, tendo percorrido três léguas de extensão por matas virgens e terrenos alagadiços.

"Por tais serviços, o mesmo General-em-Chefe elogia o dito Sr. Marechal-de-Campo Argolo pela maneira seguinte: 'Todos os generais que comandaram forças, comandantes de Divisões, os de Brigadas, os de Corpos e Batalhões, cumpriram religiosamente o seu dever, mas não posso deixar de consignar na presente Ordem do Dia os mais sinceros votos de minha gratidão e reconhecimento ao Exmo. Sr. Marechal-de-Campo Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Comandante do Segundo Corpo, não só pela valiosa e eficaz coadjuvação que dele recebi e da qual muito dependiram os triunfos que, no mês próximo passado, alcançaram nossas armas, como pelas provas irreversíveis de firme e inabalável dedicação que sempre manifestou ao serviço público e à minha pessoa.'

"Por melhor que fosse o plano que concebi de contornar o inimigo pelo flanco esquerdo, evitando assim ter de atravessar as dificuldades quase insuperáveis que se opunham à chegada de nossas tropas à frente do flanco direito da linha de Piquiciri, ele não teria sido coroado do êxito próspero e completo que se verificou, se não fora a

passagem do nosso Exército pelo Chaco, base de todas as nossas ulteriores operações.

"No trabalho insano da abertura da estrada pelo Chaco, exibiu o Exmo. Sr. Marechal-de-Campo Argolo provas tais de seu tino e perícia, de sua perseverança e de sua prodigiosa atividade, que só por elas tornaria a memória do seu nome indelével na história desta guerra, se já por outros tantos títulos não tivesse ele adquirido jus a honra tão distinta."

A BATALHA DE ITORORÓ

A batalha de 6 de dezembro de 1868 foi uma das mais reñhidas e cruentas de toda a campanha e, sem a menor dúvida, aquela em que tivemos as maiores baixas entre os oficiais graduados. De um lado, 5.000 paraguaios, sob as ordens de Caballero — instalados em excelente posição no corte do arroio Itororó, com as vantagens do domínio de vistas e fogos e da ocultação na mata marginal — barravam as vias de acesso que convergiam para a ponte sobre o citado arroio e tinham como missão retardar, pelo maior tempo possível, o nosso avanço para o Sul. De outra parte, Caxias pretendia prosseguir, sem perda de tempo, para restabelecer a ligação com a esquadra, reincorporar a Cavalaria que ficara no Chaco e avançar sobre Vileta.

O plano inicial de Caxias

previa um ataque frontal à posição, executado pelo 2º Corpo do Exército de Argolo. Durante a conduta do combate, face a obstinada reação guarani e tendo sido informado por um vaqueano de que havia um bom passo a leste, Caxias ordena a Osório que faça um desbordamento por essa direção para cair sobre o flanco direito e a retaguarda do inimigo, enquanto Argolo permanecia num ataque de fixação. Infelizmente a distância percorrida por Osório foi o dobro da prevista e, quando este chegou com os seus bravos, a pugna já estava decidida pelo ataque frontal.

Para entendermos as marchas e contramarchas dessa batalha, julgamos oportuno recorreremos às lúcidas observações de Jonas Correia Neto, que, em excelente estudo sobre a peleja, onde demonstrou a necessidade e a oportunidade do gesto épico de Caxias, chama a atenção para o fato de que o ponto crucial da questão não foi a famosa "ponte de Itororó", tantas vezes citada, mas a manutenção da cabeça-de-ponte, na margem sul do mesmo arroio.

O 2º Corpo do Exército, sob o comando de Argolo, reforçado pela 1ª Brigada de Cavalaria, de Niederauer, constituía a vanguarda de nossas forças. Estabelecido o contato com o inimigo, a 5ª Brigada de Infantaria, de Fernando Machado, investe corajosamente sobre a ponte, mas é repelida por cerrado tiro-

teio dos guaranis, fortemente apoiados por sua Artilharia. Nova tentativa é feita, sem obter melhor resultado. Argolo, profundo conhecedor de sua Arma de origem, compreende, de imediato, ser imprescindível o apoio de sua Artilharia, seja para silenciar os canhões inimigos, seja para desalojá-los de suas privilegiadas posições. Manda abrir duas picadas até o rio, coloca uma bateria em cada posição, ficando em condições de bater toda a frente, e desencadeia um intenso fogo de preparação. Em seguida, determina o avanço da 5ª Brigada que, apoiada pela Artilharia e pelos bravos centauros de Niederauer e de Vasco Alves, consegue ultrapassar a ponte e fixar-se na margem sul, pagando, contudo, o elevado preço da morte do seu intrépido Comandante, Fernando Machado.

Como o combate continuasse intenso e indefinido, Argolo determina o engajamento, na peleja, da 1ª Divisão de Infantaria, de Gurjão, que investe bravamente a ponte, leva de roldão os defensores mais próximos e alarga a brecha por onde penetra Argolo com parte de sua reserva. A batalha atinge o seu clímax. Os cavalarianos de Rivarola repetem as cargas fulminantes sobre as nossas tropas, que mantêm, a duras penas, o terreno conquistado. Gurjão é ferido e retirado de ação e, logo em seguida, Argolo é atingido por uma bala e também afastado da peleja. Caxias, então,

compreendendo a gravidade da situação tática e os efeitos negativos da retirada de chefes tão ilustres e admirados por seus soldados, determina o emprego de dois batalhões para conter as cargas inimigas e, logo após, lança-se pessoalmente sobre a ponte, proferindo a célebre frase que galvanizou as nossas forças, levando-as à grande vitória: "Sigam-me os que forem brasileiros!"

Conclufa Argolo a sua participação na Guerra do Paraguai de maneira brava e patriótica, tombando à frente dos seus homens em pleno combate, num exemplo de destemor e estoicismo, assim registrado por Frederico Pimentel: "Quebrou-se-lhe o sortilégio da incolumidade naquela garganta do inferno; uma bala acertou-lhe a montada e outra prostrou-o por terra. Por pouco não o esmagou a carga que rolava atrás dele; viu ainda passar o Marquês de Caxias com a espada na mão e, quando perdeu os sentidos, atroavam os ares como um alarido de vitória."

PERFIL DO GRANDE SOLDADO

Em razão de sua extraordinária atuação no cenário militar do Império, encontramos inúmeras referências ao General Argolo, mormente com relação ao seu desempenho na Guerra do Paraguai, o coroamento de sua brilhante carreira militar. Memo-

rialistas, historiadores e críticos, ao examinarem os fatos de que participou, referem-se constantemente ao grande soldado, tributando-lhe os maiores elogios, numa aprovação unânime de sua conduta. Essas apreciações, muitas vezes sintetizadas num simples aposto, configuram, pela constância, seriedade e coerência, o julgamento sereno e imparcial da História, que nos permite formar um verdadeiro juízo sobre esse soldado exemplar, o Visconde de Itaparica.

Dionísio Cerqueira, o culto e heróico voluntário da Pátria, que atingiria mais tarde o generalato, apresenta-nos importante testemunho, revelador de traços marcantes da personalidade de Argolo: "Portou-se, quando moço, com tanto arrojo na Revolução Praieira de 1848 que até o Deodoro, que tinha a bravura de Osório e a intrepidez de Andrade Neves, lhe disse: 'Não serás, jamais, bom general; falta-lhe a calma.' Esse conceito impressionou o jovem Capitão, que quis ser bom General e foi dos melhores que temos tido. Sua calma admirava a todos; era estudada; era uma vitória disputada tenazmente ao temperamento fogoso. E, por isso mesmo, aquele homem me parecia mais admirável." O autor das *Reminiscências da Campanha do Paraguai* prossegue chamando-o de "fino e atilado" e destaca, como suas principais virtudes, a coragem, a cultura, a religiosidade, a atividade e um inigualável sentimento de cumprimento

do dever. Declara, em outro trecho do seu importante trabalho: "A ele se podia, desassombradamente, confiar a defesa de uma posição, por mais arriscada que fosse. Nunca vi chefe tão ativo, cuidadoso e providente, tão meticoloso e de tão pouco dormir. Tinha fama de maçador, mas era o melhor vigia do Exército."

Tasso Fragoso salienta a sua bravura, as suas "sábias previsões" e a sua "incansável atividade". Pinto de Campos ressalta o seu heroísmo e a sua competência profissional, afirmando que Caxias "teve a fortuna de achar um Argolo para executar a Estrada do Chaco". Eusébio de Souza e Afonso de Carvalho põem em destaque a intrepidez, a tenacidade e o preparo profissional. José Calasans chamou-o de "o Caxias baiano", e Joel da Silva Oliveira cognominou-o de "a glória guerreira da Bahia". José Luís Rodrigues da Silva, participante do nosso maior conflito, retrata-o em preciosa síntese: "A especialidade do General Argolo Ferrão, posteriormente Visconde de Itaparica, e para a qual inclinava-se a gosto patente, era a fortificação. Nesse assunto, hábil e providente como era, não tinha competidor no Exército. Adverso ao acatamento de opiniões alheias, uma vez convencido do plano preferível de trabalho, transigir só em caso muito excepcional. Chegando a um ponto, embora de ligeira permanência, tratava logo de garantir o

acampamento por meio de defesas passageiras e próprias." A seguir, declara que "os generais-em-chefe distinguiram-no consideravelmente" e que "revelavam-se nítidos os seus dotes de ação". Em outro trecho, define-lhe alguns traços da personalidade: "Poucas vezes envergava a farda bordada. Preferia o comprido sobretudo e o chapéu de feltro, abas largas. Mais baixo que alto, franzino de corpo, não aparentava elegância como outros generais. Epigramático, Argolo comprazia-se em soltar a sua piada, mas sério e sisudo."

Lobo Viana apresenta-nos um interessante perfil do Gen Argolo, onde ratifica as suas virtudes militares: "De pequena estatura, da qual tanto se orgulhava, rosto cheio, ornado de bastas barbas negras, sobrançelas espessas, cerradas; cabelos pretos repartidos ao lado, bigode farto, olhar vivo e arguto, Alexandre Gomes de Argolo Ferrão era o benjamim dos oficiais generais presentes em Tuiuti, pois contava 45 anos de idade e atingira o elevado posto de Brigadeiro, Comandante da 1ª Divisão. Sem pertencer à escola de Sampaio, apresentava-se, como ele, corretamente fardado, tendo o cuidado, talvez por precaução, de deixar lóbrigar a estreita gola bordada a ouro, que broslava a sua farda, envolvendo-a em largo sobretudo de pano piloto, que lhe cobria as grandes botas até o meio das pernas, em que mal se desco-

bria a ponta da bainha da espada. À cabeça, um largo chapéu de feltro de amplas abas, de que a posterior lhe servia de tapa-nuca. Não obstante ser oficial de Artilharia, se dedicava com esmero e carinho a trabalhos de fortificação de campanha; ninguém como ele sabia traçar uma cauda de andorinha, um barrete de clérigo, um redente, uma luneta, uma frente abaluartada ou atenalhada. Exigente, minucioso nos revestimentos, na construção dos fossos e dos parapeitos das obras fortificadas. Perito sapador."

Joaquim Manoel de Macedo, o consagrado historiador e escritor fluminense, assim define o bravo general baiano: "Ele tinha, na indômita bravura, certo dom particular. À hora da marcha para entrar em batalha ou no momento de avançar para o fogo inimigo, e de arrostar os mais aterradores perigos, Argolo, sem explosões de entusiástica intrepidez, sem prorromper em lavras que levassem flamas ao ânimo de seus soldados, tomava, plácido, tranqüilo, a frente deles, acendia um charuto e, fumando um e mais charutos, comandava e batia-se horas inteiras, com inverossímil sangüefrio e absoluta dominação do seu espírito. Era o tipo da coragem, da bravura, inextinguíveis, mas perfeitamente incapazes de perturbar ou de alterar suas faculdades intelectuais. Era um prodígio de fria impassibilidade, dirigindo pelejas e tomando parte nelas."

Finalmente, registremos um trecho do necrológio do valoroso soldado, quando a sua terra natal, a Bahia, através de Cyrilo Pessoa, assim se expressou: "Herói, tinha na refrega a calma da reflexão e o golpe de vista para adivinhar o sucesso. A Pátria, o dever e os sentimentos de honra, os móveis generosos de uma existência, curta em anos, mas opulenta de vitórias."

CONCLUSÃO

A análise da participação do General Argolo na Campanha do Paraguai – onde desempenhou as funções de Comandante da Brigada e de Divisão de Infantaria e também de Corpo de Exército – demonstra, à saciedade, a firmeza, a correção e a clareza de sua ação de comando, que mereceu os mais expressivos elogios de todos os Comandantes do nosso Exército, principalmente de Caxias, reconhecendo-o como dos mais bravos, cultos e competentes dentre os valorosos Generais do Império.

Nas operações ofensivas, teve atuação magistral em Tuiuti, onde foi um dos artífices da grande vitória, conceito que ratificaria, a seguir, em Punta Naró, em Rojas, no Sauce e em Curupaiti, onde as suas tropas colheram expressivos triunfos, sendo as primeiras a penetrar no "Quadrilátero" e em Humaitá. Em Itororó, a sua última batalha, empregou judiciosamente

as suas forças, em perfeita consonância com a situação, sendo afastado da peleja por ferimento a bala, o que provocou o gesto épico de Caxias, que selou a sorte da contenda a nosso favor.

Nas operações defensivas, sua conduta foi igualmente notável, seja fortificando as posições de Tuiuti e Curuzu, transformadas por ele em verdadeiras fortalezas, seja guardando a base de Humaitá, seja construindo a monumental Estrada do Chaco, que foi concluída em tempo breve e nas melhores condições, graças à sua competência profissional e à prodigiosa atividade.

A vida proflua do General Argolo encerra, portanto, preciosas lições de patriotismo, devotamento ao dever, tirocinio profissional e legítima liderança, que merecem o estudo e a meditação de todos os militares brasileiros. Ao resgatar do esquecimento esse valoroso Chefe Militar, cuja glorificação está ainda a merecer maior reconhecimento por parte da Bahia e do próprio Exército, apontamo-lo como exemplo às novas gerações, convencidos de que, inspirados na sua vida e na sua obra, haveremos de servir melhor ao Exército e ao Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2ª edição, Biblioteca do Exército, 1956.
BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguai*, 1897.

THOMPSON, George, *La Guerra del Paraguai*.

FIX, Theodore, *Guerra do Paraguai*.

SCHNEIDER, A Guerra da Tríplice Aliança Contra o Governo do Paraguai.

JOURDAN, Emílio, *Guerra do Paraguai*.

CERQUEIRA, Dionísio, *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Prefeitura Municipal de Salvador, 5ª edição, 1974.

PIMENTEL, Joaquim S. D'Almeida, *Episódios Militares*. Bibliex.

VIANA, Lobo, *Tuiuti É Osório, Osório É Tuiuti*. Bibliex, 1940.

SILVA, José Luís Rodrigues da, *Recordações da Guerra do Paraguai*. Melhoramentos.

OLIVEIRA, Joel da Silva, *Argolo, Marechal Visconde de Itaparica*. Imprensa Oficial da Bahia, 1971.

NETO, Jonas Correia, *Caxias em Itororó*. *Revista Militar Brasileira*, 1957.

FILHO, Amerino Raposo, *A Manobra na Guerra*. Bibliex, 1960.

DAMASCENO, Filadelfo Reis, *O Maior Soldado da Bahia*. Conferência no Lions, em Salvador, no Sesquicentenário do Gen Argolo, em 1971.



Cel Inf QEMA FILADELFO REIS DAMASCENO – Formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras, aperfeiçoando-se na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Possui também os cursos de Altos Estudos Militares (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército), Guerra nas Selvas (Centro de Instrução de Guerra nas Selvas), Comunicação Social (Centro de Estudos de Pessoal do Exército). É também Técnico em Administração.

Possui quatro livros publicados, além de diversos estudos e monografias e dezenas de artigos em vários jornais. É também autor de hinos e canções de unidades do Exército.

Recebeu inúmeras condecorações e é vencedor de alguns concursos. É membro dos Institutos Histórico e Geográfico de Sergipe e de Uruguiana e da Sociedade Brasileira de Heráldica e Medalhística.

Como principais comissões, tem as de Adjunto da Presidência da República, do Gabinete do Ministro do Exército e do Estado-Maior do Exército; Chefe da 3ª Seção da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Chefe de Gabinete no Superior Tribunal Militar. Assistente Secretário do Comandante do II Exército. Comandante da Polícia Militar da Bahia. Instrutor de CPOR de Salvador. Comandante da "Operação da Fibra" e da "Marcha a Pé da Bahia a Brasília".